

Lendas e Mitos no ensino fundamental

Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro¹

1 Introdução

Ao analisar o ensino de História nas escolas públicas, observa-se que muitos dos professores do ensino fundamental são em sua maioria reprodutores de livros didáticos, usando esporadicamente alguns recursos como filmes que são sugeridos ao final de cada capítulo, mas não faz a associação do conteúdo abordado.

Toda criança é dotada de curiosidade, a escola é o local privilegiado onde elas possam buscar satisfazer. Sugerir uma dinâmica de aula diferenciada aos alunos pode lhes proporcionar ampliar seu conhecimento e interação no ambiente escolar. Propor que os alunos relatem o que eles têm de estória dentro de cada um.

Quando se utiliza as narrativas mitológicas em sala de aula, pode-se destacar as estórias fantásticas que elas apresentam. Os alunos se interessam, relatam e redigem outras estórias a partir do mito e lendas, que não fazem parte do repertório de História tradicional pelos livros didáticos. Se somos resultado da mistura de índios, negros e brancos e, outros emigrantes que só passaram a vir em maior número, a partir do fim do século XIX, temos de conhecer melhor o que esses antepassados nos deixaram como herança cultural.

A escola é um espaço sociocultural por excelência, onde é possível o encontro de diferentes presenças. Marcado por símbolos, rituais, crenças, culturas e valores diversos, acreditando ser possível lugar dedicado às estórias como fator fomentador da cultura escolar. Como todos sabem, e confirmamos ao olhar para as pessoas que formam o povo brasileiro, os negros africanos e descendentes de povos europeus, deram uma contribuição cultural importante para o Brasil.

2 Lendas e Mitos – conceitos e significados

A cultura popular tem como essência o “imaginário”, que lhe confere uma indiscutível riqueza, é nesse campo fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que desabrocham em lendas, mitos, contos, credices, superstições, premonições e em outras belezas que retratam a nossa cultura.

A forma de difusão da lenda ocorre tradicionalmente pela transmissão oral, conforma LUYTEN (1992), faz uma observação sobre analfabeto ou semi letrado no sentido de não significar ignorante².

As manifestações populares vão dar-se em sua maioria, de forma oral. É que a comunicação a nível popular, significa a troca de informações, experiências e fantasias

¹ Shirlei Fernandes Oliveira Miyashiro, licenciada em Geografia e História, mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso, docente em Geografia na E. E. La Salle. shirleimiyashiro@gmail.com

² LUYTEN, J. M. **O que é literatura popular**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

de analfabetos ou semi letrados para seus semelhantes. Na busca de mais subsídios sobre a difusão da lenda, encontra-se em REIS (1984, p. 12)³:

O conto popular cristalizava-se na tradição oral dos povos, atuando como veículos de transmissão de ensinamentos morais, valores éticos ou concepções de mundo, sendo fortalecidas na memória consecutivas gerações, a cada noite, a cada serão, espécie de legado passando de pai a filho.

Este estudo se concentra em exemplos, contados de pai para filho ou, então, por idosos com certas habilidades para pequenos grupos. Esses relatos são importantes para se conhecer a verdadeira índole ou interesse de uma determinada população. Neles que aparecem preconceitos, mitos e até formas de crítica das pessoas que as contam e ouvem. As lendas são narrativas que enfeitam e caracterizam o lugar, acompanhadas de certos mistérios, assombrações e medo. Não se sabe ao certo como nasceram e se disseminaram. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns e são ilustradas por cenários exóticos e de curta extensão. Por vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados. E podem ser confundida com os mitos.

A característica da lenda evidente é a forma de sua narrativa, encantadora, fascinante e inventiva. Portanto, a lenda na sua oralidade, percorre o imaginário popular, levando os fatos históricos sob certa deformação. Essa deformação age na comunicação, como instrumento favorável de mudanças e de transformações. As lendas podem ser classificadas de maneiras históricas como: lendas relativas a localidades e lugares, à história dos primeiros tempos, guerras e catástrofes e até alguns personagens ao qual há uma idolatria.

Outra classificação de lendas míticas relacionadas a morte e aos mortos, lugares encantados e aparecimento de fantasmas, espíritos da natureza e seres metamorfoseados, a doenças e ao diabo. Temos também as lendas religiosas mitos de deuses e heróis, ressaltando outras classificações de lendas de conteúdo europeu, fundo indígena e africano que compõe a nossa cultura tão mistificada. Ao longo do tempo sofrem alterações, por serem repassadas oralmente e recebem a impressão e interpretação daqueles que a propagam.

O termo grego “mytos” significa dizer, falar, contar⁴. Do apogeu do racionalismo grego até o início deste século, mito tinha o sentido de fábula ou conto, uma fantasia das camadas mais ingênuas ou menos esclarecidas da sociedade. Eram então narrativas utilizadas pelos povos antigos, para explicar os fatos da realidade e fenômenos da natureza que não eram compreendidos por eles. Os mitos, portanto, utilizam muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis.

Todos estes componentes são misturados a fatos reais, características humanas e pessoais que realmente existiram. Um dos objetivos do mito é transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado. Os mitos são questionados, a dimensão do tempo se amplia. A História começa a constituir-se como conhecimento específico. Heródoto, considerado o “pai da História”, dá a mesma um sentido de pesquisa, para que as ações humanas não sejam esquecidas com o tempo. Os

³ REIS, L. M. R. **Quem conta um conto aumenta um ponto**. In: O que é conto. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁴ Cf. LUYTEN, J. M. **O que é literatura popular**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

historiadores retratam a realidade mais próxima, não refletindo sobre os problemas remotos relacionados aos mitos.

Segundo Rocha (1989, p. 02): “O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias idéias, ser usado em diversos contextos”⁵. Assim, os povos na Antiguidade tinham para explicar suas origens, permanências e culturas em vários mitos seguidos dos ritos que cultuavam, e muitas culturas nos diferentes continentes foram formadas pela tradição e crença mitológica. Expressão dessas culturas, podem ser vistas nos egípcios, nas tribos africanas, indígenas americanos e europeus.

O mito tem caráter explicativo ou simbólico e, relaciona-se com uma data ou com uma religião. Procura explicar as origens do mundo e do homem por meio de personagens sobrenaturais, como deuses ou semideuses na explicação para a realidade através de suas histórias sagradas, que não possuem nenhum tipo de embasamento para serem aceitas como verdades. Alguns fatos históricos podem se tornar mitos, desde que as pessoas de determinada cultura agreguem uma simbologia que tornem o fato relevante para as suas vidas. Passemos agora a focar o mito, subsidiados por DALATE (1997, pp. 106/107)⁶:

O mito é uma história fantástico-religiosa. [...] É muito profunda a relação entre mito e religião [...]. Por incrível que pareça, não é Deus que cria os homens, mas são estes que criam os deuses a sua imagem e semelhança. As divindades são projeções do inconsciente coletivo que inventa configurações transcendentais que expressam plasticamente seus desejos e seus temores. O mito é uma crença-verdade [...] passa a ser objeto de crença popular nas sociedades primitivas [...] exerce um grande fascínio sobre os fieis que se sentem tomados por um poder sagrado. O mito segue uma lógica peculiar. A criação do mito é anterior a formação da consciência reflexiva [...].

Podemos considerar o mito como a primeira forma poética inventada pelo homem. [...]. Segundo o psicólogo Piaget, existe um estreito parentesco entre o universo do homem primitivo e o mundo da criança. Como esta, o aborígene não distingue a realidade da fantasia, a verdade do falso, o puro do maculado, o possível do impossível, o animado do inanimado. Sua mente é alheia a tais oposições. Como a criança que quer dar de mamar a uma boneca, assim o homem primitivo considera uma pedra como ser vivo, objeto sagrado. Dá mesma forma a categoria do tempo não apresenta a noção de evolução; a criança chora se a mãe vai embora, pois imagina o afastamento como definitivo; para o homem primitivo o tempo é fixado para sempre; as personagens míticas não envelhecem, porque, concebidas como modelo de valores eternos, não sofrem os efeitos da passagem do tempo.

Desde, as sociedades humanas primitivas até aos nossos dias, acompanhando a evolução do conhecimento científico, a ideia de mito foi perdendo o seu valor original e passou a ser usado para designar uma falsa história, fantasiosa, inventada, irreal. De alguma forma, o mito perdeu para a História o seu significado de relato verdadeiro e real. Por isso utilizamos muitas vezes ao contar/narrar lendas e mitos como a fantasia,

⁵ ROCHA, E. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁶ DALATE, S. **Uma poética do estranhamento ou o encantador de palavras**. Polifonia, Cuiabá - UFMT, 1997.

que mexe com o imaginário na transmissão quase sempre de medos, preconceitos, adventos futuros propagados de incertezas e credências. Posto isso, busco estabelecer, uma distinção entre mito e lenda:

[...] a história mítica, ligada a entes sobrenaturais, tem como atitude mental a ‘crença; o relato legendário tem como heróis seres humanos cujo alto valor cívico ou espiritual estimula a imitação. [...] a lenda se origina a partir de um fato histórico, embora sua veracidade, com o passar de tempo, seja transfigurada pela imaginação popular. [...] como se desprende do sentido do adjetivo ‘lendário’, existe quase uma oposição entre história e lenda: chamasse lenda ao fato historicamente não comprovado [...]. Outra peculiaridade da lenda é sua localização no espaço e no tempo, diferentemente do mito e do conto popular, cujas origens são geograficamente e cronologicamente indeterminados. (DALATE, 1997, p. 109).

O vocábulo lenda é frequentemente usado como sinônimo de mito, quando na realidade a ação do mito tem efeito nos tempos ante-históricos, trazendo um ente ou episódio sobrenatural e a lenda apesar de conter elementos de cunho mitológico, passa-se num mundo real, entre entidades reais, não indo além dos tempos medievais, designativo das biografias dos santos, onde estavam reunidos o real e o mítico, visando ao aperfeiçoamento espiritual dos crentes. Para a pesquisa histórica, a lenda tem grande importância, indicando as crenças de um povo e suas fundações sociais, étnicas e culturais.

É frequente usar-se a expressão “isso é um mito!” para classificarmos de falso, pouco credível um determinado acontecimento ou fato, ou quando se pretende desvalorizar e depreciar. Atualmente, também é comum utilizar-se o conceito de mito e lenda para designar ícones da cultura de massas, sejam personalidades desportivas, da música, do cinema ou da política. Estes termos são recentes e expressa uma forma de alienação pós-moderna da lenda e do mito sem precedentes, onde no mundo pré-moderno o homem utilizava-se da mitologia para entender a vida e revelar um mundo ao qual se desconhecia, hoje se utiliza de forma de idolatria.

No seu sentido original, as lendas e os mitos ligam-se com o desconhecido, com aquilo para que não tínhamos palavras inicialmente, e destinavam-se a ajudar-nos a lidar com as circunstâncias problemáticas humanas, a descobrirmos o nosso lugar no mundo e a verdadeira orientação e sugere um passado longínquo com uma visão estritamente cronológica da história para o que é intemporal na existência do homem.

2.1 Ensino e aprendizagem no uso do imaginário

Vivenciamos hoje num contexto da era digital, onde nossas crianças estão cada vez mais informatizadas, seus pais mais distantes, o tempo mais curto e o professor diante dessas contradições tendo que lidar com essas inovações, e como atrair o aluno? Conforme Bresser (2014, p. 03)⁷,

⁷ BRESSER, M. H. Como a escola e os pais podem formar (juntos) um bom aluno. Disponível em: [HTTP://www.escolamobile.com.br/artigos/formação.htm](http://www.escolamobile.com.br/artigos/formação.htm)

“Ótima parceira da disciplina, a curiosidade impulsiona os avanços humanos.” [...] muitas escolas ainda acreditam que ensinar é uma transferência de conhecimento de quem sabe para quem não sabe. Estas eliminam a possibilidade de formar alunos curiosos: não querem realmente que o aluno pergunte; querem que ele repita.

Sabendo que, muitos professores ainda são repassadores dos conteúdos dos livros didáticos, e que os alunos não estão mais voltados para a aprendizagem e, sim para armazenagem de conteúdos. A aprendizagem é um compromisso fundamental dos professores e estimular os seus alunos a aprender é essencial para sua formação. O ensino é um compromisso com a estimulação, com a provocação, com a curiosidade e partindo desta curiosidade é que o aluno pode aprender.

O aluno é parte dessa vivência e traz consigo experiências, conhecimentos, seus aprendizados do cotidiano, são cheios de histórias contadas pelos familiares e sociedade em que convivem, adquirindo, assim uma identidade cultural única de cada ser. A interação entre professores e alunos, alunos e alunos favorece a troca de ideias e saberes, entender culturas e identidades diferenciadas. A memória aprofunda as visões de mundo sistematizadas na memória popular. Sugerir aos alunos uma experiência de histórias contadas por eles, de lembranças e contos que lhes foram contados, acabamos por encontrar muitos mitos e lendas que lhes foram repassados.

Segundo Rocha (1998, p. 04) “O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelham suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, os cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais.” Estas concepções de mundo, vivência, dúvidas e indagações muitas crianças herdaram de seus familiares que por consequente herdaram também e trazem consigo em forma de mitos e algumas lendas.⁸

Conforme Bayard⁹: A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida [...]”. Atualmente, a lenda transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. E complementa dizendo que: “O mito pode ser efetivo e, portanto, verdadeiro como estímulo forte para conduzir tanto o pensamento quanto o comportamento do ser humano ao lidar com realidades existenciais importantes.”¹⁰

As lendas e os mitos sejam eles orais ou escritos, estão em toda parte para serem ouvidos e recontados como forma de aprendizado e ensinamento desde que com algum embasamento teórico formador do conhecimento histórico escolar. O professor enquanto transmissor de conhecimento tem por finalidade o seu aluno que este se torna o receptor destes conhecimentos e somando com os adquiridos com os familiares irão repassar aos seus descendentes todo este repertório de imaginário e ciência. É necessário que se faça uma relação entre história vivida ou natural das histórias objetivas num esforço científico para descrever, pensar e explicar esta evolução.

Fazer história é contar aquilo que aconteceu, por isso se considera que a história deriva de uma narrativa, e isto, tem trazido controvérsias enquanto história-narrativa

⁸ ROCHA, E. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1989

⁹ BAYARD, J.-P. **História das lendas**. Edição eletrônica: Ed Ridend Castigat Mores (www.jahr.org)

¹⁰ ROCHA, E. Op. cit.

como uma história-problema. Considera que essa afirmação fixa as recordações dos indivíduos conservando algo do seu passado. Ao selecionar o que deve ou não deve ser recordado/conservado/partilhado, o historiador está a construir um enredo que normalmente tem privilegiado as aventuras dos grandes homens e dos Estados, as histórias do poder e da guerra, das quais os mitos e as lendas constituem um excepcional exemplo.

A imaginação deve ser entendida, portanto, como um elemento-chave no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que é precisamente este movimento dialético entre o imaginário e o racional que assegura o equilíbrio do sujeito, que lhe permite interiorizar significações e, sobretudo, que permite à criança descobrir os laços que a unem ao mundo. Estimular a imaginação para promover aprendizagens significativas parece um dos trilhos que os professores podem e devem esforçar-se por desbravar, procurando adaptar, criar e reinventar estratégias e metodologias capazes de responder a esse desafio.

Partindo deste pressuposto professores fazem algumas indagações: seria possível o professor utilizar a mitologia como tema gerador de conhecimento, ou seja, como diversos aspectos da sociedade antiga, como: economia, religião, artes, arquitetura, política, gênero, etc., tornando assim a mitologia como ponto central do estudo e não só como um estudo periférico e de menor importância? E ainda, qual a importância da cultura material para o estudo e compreensão das sociedades antigas?

Algumas indagações acerca dos conteúdos e propostas para o planejamento da aula devem ser repensadas diante das escolhas dos temas e de como serão efetuadas as aulas, podendo ser musicadas, desenhadas, contadas ou narradas, e através do processo de contar, ler, ouvir as narrativas, possibilita as gerações mais jovens à compreensão do tempo primordial e trazem para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados, isso contribui para a formação da identidade do aluno como e onde ele vive, claro que isso só é possível com a aceitação e identificação desse aluno com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive.

3 A História ensinada nas escolas

Pelo menos até a década de 1980, os professores acreditavam ensinar uma versão simplificada da História escrita pelos historiadores. A História ensinada nas escolas é influenciada pelo modo de pensar nossa época: cinema, televisão, revistas, jornais e pelas crenças pessoais trazidas pelos próprios professores e alunos. A escola tal como conhecemos, com o objetivo de atingir toda a população, começaram a ensinar de forma significativa a História, que, para muitos professores a mesma tem como objetivo analisar o passado e compreender o mundo e tornar o aluno mais crítico na sociedade em sua contemporaneidade.

Ao estudar História compreende-se que existem povos e grupos sociais em épocas diferentes, mas apresentam modos de vida semelhantes, isso porque, apesar das rupturas, há inúmeras permanências, com várias tradições culturais, nessa direção Cabrini em sua obra coloca que:

A cultura é maneira em que os seres humanos, em seus agrupamentos, criam formas de comunicação (linguagens) expressas nas moradias, na

alimentação, na vestimenta, nos gestos, na arte, no trabalho, nas relações interpessoais, isto é, na forma de representação do mundo. Essa representação do mundo é o imaginário e a mentalidade que os diversos grupos sociais constroem em suas experiências temporais (relação presente/passado/futuro)¹¹.

Somos frutos de um povo miscigenado de diversas culturas e tradições herdadas dos indígenas, europeus e negros que assim fizeram o povo brasileiro, uma mistura de saberes e crenças. O passado é contado no presente com narrativas e demonstrações dos acontecimentos e vislumbrando um futuro almejado. A sociedade tende a se apegar a crenças, lendas e mitos do passado para a explicação das relações de trabalho, nas tradições populares e nas formas de vivência de cada grupo, e espera-se que algumas dessas tradições cultivadas pelos mais antigos permaneçam. Busca-se então que, muitas dessas tradições sejam ensinadas na escola, que não fique somente para poucos, que os jovens possam aprender e repassar a seus descendentes também.

Articular a temática histórica juntamente com as lendas e mitos por muito tempo foi barrada, no ensino por não ser possível uma comprovação real e muitos tratarem como sendo imaginário. Este imaginário fez parte da formação da identidade de povos e dos povos, que procuraram outras civilizações no período das Grandes Navegações dos séculos XIV e XV.

Podemos ensinar sobre lendas e mitos do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental contextualizando aos acontecimentos históricos, dentro das temáticas de tempos e culturas, diversidade e conflitos culturais, História Moderna e América Colonial, na História Antiga e Medieval, adicionando a História Contemporânea para explicar os relatos e fatos dos demais temas. então complementa:

Sendo a pós-modernidade uma condição histórica e sendo o conhecimento histórico, um conhecimento relativo às condições históricas de sua produção, portanto, não pode mais ser produzido a partir dos mesmos paradigmas, teorias e metodologias com os quais se produzia história na modernidade¹². ALBUQUERQUE JR, 2007)

Pensemos em uma escola cheia de modernidade, composta por mídias e alunos atentos as inovações tecnológicas, se apegar ao ensino tradicional é negar a história presente e futura, é fundamental utilizarmos dessa pós-modernidade para enraizar nossas lendas e mitos. Atualmente, muitos jogos de computador, cinema e televisão trazem para si as lendas e os mitos atraindo a juventude com o imaginário e o lendário.

3.1 Lendas e mitos no cotidiano escolar

Somos herdeiros dos tempos pretéritos, de nossos pais, avós, e ancestrais onde, na aldeia de antigamente, o velho sábio reunia os mais jovens em volta da fogueira para contar histórias. No crepitar do fogo, as lendas e mitos eram contadas e recontadas, passadas de geração a geração, no intuito de explicar o extraordinário no meio ambiente

¹¹ CABRINI, C. et AL. **História temática: diversidade cultural e conflitos**. 7º ano, 4 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

¹² ALBUQUERQUE JR., D. M. de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

e, ensinar a preservação, o respeito, os valores e princípios necessários à preservação sadia da espécie humana.

Lendas e mitos são fontes preciosas da história do nosso povo. Guardando em sua essência, do povo brasileiro, os elementos de diferentes culturas. Segundo FERREIRA, (2001, p. 204). O folclore está historicamente incorporado como uma base científica para o estudo e conhecimento do comportamento popular. Tem, em Mato Grosso as mais diversificadas formas de expressão, representadas basicamente pelas danças, lendas e contos que, na sua grande maioria sintetizam a herança, principalmente do índio e do negro.

O Estado mato-grossense abrange uma diversidade étnico-cultural riquíssima e, relevante, comparada aos demais Estados. Trazendo a nossa cultura através de movimentos migratórios das diversas regiões do país e, tentando preservar a já existente, originária dos índios, caboclos e cafuzos. Os deslocamentos populacionais dos imigrantes ao Brasil e, migrantes do país, notadamente, Mato Grosso, com suas trajetórias culturais e étnicas, embora inclusas aos conteúdos escolares, requer o resgate das narrativas sob a ótica dos grupos sociais que a produziram, suas formas criativas de sobrevivência, as interações entre si e com o meio ambiente, os hábitos, costumes, crenças e valores.

Os mitos, contos e lendas são práticas culturais presentes em todas as sociedades. Cada povo de uma forma ou de outra encontra nos contos, lendas e mitos uma forma de transmitir seus valores culturais. Esse exercício de memória das crenças e valores tradicionais marca a existência de um povo e fortalece sua identidade. A maioria das pessoas das quais relacionamos quando relatam suas histórias de vida, quase sempre aponta um conto ou outro que ouviu de seus pais, conhecidos ou professor e que marcou sua infância. Lendas e mitos perpassam o cenário cultural dando vida a coisas e herói de um povo ou mesmo a existência deste.

A oralidade é uma realidade muito presente na família, na escola e na sociedade brasileira. A expressão oral é carregada de sentido e marcas culturais perpassando gerações. Crianças e jovens que tem por costume ouvir os mitos e lendas de seus antepassados mais tarde tornam-se contadores de histórias, compartilhadores de saberes, memórias e desejos. O falar e o ouvir podem ser libertadores, promover momentos em que a história, a música, a lenda, o mito, os fatos do cotidiano possam ser ditos e reditos potencializando a expressão dos sujeitos e fortalecendo suas identidades.

A história e a memória de etnias indígenas e africanos, por exemplo, adentram e permanecem como parte de nossa cultura. Uma vez que ocorrendo esse movimento esta se torna materializada por nós, em especial, na literatura oral expressa pelos mitos, lendas, provérbios, contos como passaporte para uma vivência na diversidade. No entanto, ao desenvolver uma pesquisa percebe-se que a história contada ainda não é valorizada como deveria, apontando para a emergência de uma prática pedagógica que valorize a nossa origem. O compartilhamento dos valores culturais como tradição, história dos povos é um dos critérios importantes para a manutenção dos grupos sociais. Dessa forma, os rituais e os eventos de atualização da memória estão sempre presentes para avivar a cultura e a identidade dos sujeitos.

Desde cedo, na história os mitos e lendas fazem parte da cultura do homem, muitas vezes interferindo na formação de sua identidade. Podemos dizer que os mitos, contos e lendas surgem em determinado contexto e, é reproduzido no imaginário coletivo na tentativa de explicar o real. Numa visão antropológica o mito é apresentado

como explicação do inexplicável, e exerce uma função peculiar na história, pois, mantém viva a memória coletiva e fortalece a identidade de um povo reproduzindo seus valores através da oralidade, passando de geração a geração todo um arsenal cultural, seja crença, saberes e costumes.

Criar condições para que os alunos desenvolvam o sentido de pertencimento a um grupo, seus direitos e deveres, percebendo sua individualidade e diferenciação cultural é um desafio para o professor, que como agente transformador deve refletir sobre as práticas pedagógicas e seleções de conteúdos, (re) construindo novos olhares, em especial, na perspectiva socioeducacional. Contribuindo para construção do conhecimento e metodologias que permitam ao aluno se sentir instigado, e estar em constante busca por e pelo resultado da produção de conhecimentos. Silva, 2006, (p. 20)¹³.

As lendas são contadas geralmente, por pessoas experientes, conhecendo a história e a cultura do seu povo, tem prazer de repassá-las aos mais jovens, que, ao conhecê-las, começam a se orgulhar de seu pertencimento. Dessa forma, podemos dizer que, a memória cultural de uma localidade ou da vida de um povo é o maior bem. Nesta ótica, há que considerar a função da tradição oral, ou seja, esse bem expandindo para o mundo organizando a vida, as idéias, mantendo a riqueza cultural de um povo, mostrando o jeito como as pessoas se relacionam se vinculam ao passado e à tradição, possibilita a continuidade da existência. Assim, as histórias são a forma principal de transmissão e preservação do conhecimento e da cultura em si.

Contar e recontar mitos e lendas não se limita a uma forma mecânica de falar histórias somente para aguçar a curiosidade dos jovens ou estimular o imaginário. Estes contribuem para a vivência dos valores culturais e práticas de solidariedade além de perpetuar a memória coletiva de um povo possibilitando a manter viva suas crenças e tradições. Outro aspecto que podemos considerar da tradição oral são os benefícios que esta proporciona na vida dos sujeitos: primeiramente esses valores que são veiculados possibilita o autoconhecimento das pessoas sobre si, o que ela é, e a que grupo pertence, sua ancestralidade; o segundo passo esta intimamente ligada ao reconhecimento do grupo a que pertence, cultivando os valores comunitários; em terceiro lugar o respeito ou reverência as tradições como à ancestralidade aos anciãos portadores do conhecimento, num quarto passo, a necessidade de preservar as práticas culturais e, por último, a manutenção da família como instituição fundamental na preservação dos valores no meio social, pois essa é considerada a detentora das raízes culturais.

Dessa forma, expressão oral no espaço escolar, é carregada de sentido, das marcas de nossa existência. A valorização das tradições culturais dos alunos pela escola permite que esses se orgulhem da história de seus antepassados tornando-os contadores de histórias, compartilhadores de saberes, memórias, desejos, fazeres pela fala. Diante do exposto discutimos a necessidade do professor no cotidiano de sala de aula *primar* para exercício de rememorar as narrativas que fazem parte das histórias pessoais, dos alunos para exprimir delas as riquezas das tradições, crenças e valores nelas contidas com a finalidade de caracterizar até mesmo a identidade cultural da sociedade em que atua.

As festas, as memórias, os ritos e narrativas que alunos podem trazer de suas comunidades e que fazem parte de seu cotidiano são fundamentais para suscitar os

¹³ SILVA, M. **Repensando a História**. 6ª ed. São Paulo: Marco Zero, 2006.

debates tão necessários na sala de aula, de maneira a propiciar várias possibilidades de leitura de mundo, sobretudo de sua própria história. Assim, falar de festejos santos e seus ritos são de dar atenção a uma história silenciada, que quando ensinada é nos apresentada de uma forma hierarquizada das relações étnico-raciais. (Silva, 2006, p. 23).

É de fundamental importância no trabalho coletivo da comunidade escolar ao analisar o projeto político-pedagógico da escola, verificar quais são as ações de valorização da memória e a herança cultural dos diferentes povos. Quais são as atividades e projetos que a escola realiza no sentido de conhecer a história das etnias nela presentes? A escola além de procurar conhecer a cultura dos alunos, suas histórias de vida possa incentivar a prática da pesquisa pelos alunos e junto com eles realizar coleta de dados sobre depoimento oral de pessoas da família ou da comunidade que valorize as histórias e que possa construir um mapeamento cultural local, na busca de fortalecer a autoestima e identidade dos envolvidos neste processo.

Agindo assim, cabe as gerações futuras serem os receptores e transmissores ou até mesmo guardiões de uma cultura, que precisa ser conservada por gerações, sendo corresponsáveis por construir novas histórias, recriar novos enredos étnicos e dignos de valorização das culturas. Considerando, a escola espaço privilegiado de manifestações culturais, esta precisa explorar com maior intensidade os contos, mitos e lendas, valorizando a cultura étnico racial de forma, a possibilitar aos educandos a afirmação de sua identidade para que, este conhecendo sua cultura possa orgulhar ainda mais de sua história e reconhecer sua ancestralidade.

Considerações finais

“Nos tempos antigos, tudo era possível”

Com essas palavras, um contador de histórias, na virada do século XX, demonstra os mistérios e o desconhecimento das profundezas das águas, dos confins das planícies, e perplexo diante da escuridão que envolve suas noites e a história do planeta que habita, o ser humano alimenta ao mesmo tempo sentimentos de medo e de atração por esses recônditos incógnitos, incapaz de certificar-se, pela inacessibilidade, das realidades que os habitam. De lá surgem seres remotos, em incursões rápidas e vagas, percebidas no intervalo de piscadas de olhos, no conhecimento transmitido por civilizações milenares.

Nosso aluno é o cidadão do século XXI e para se inserir nesse novo mundo precisa ser um leitor de múltiplas linguagens, crítico e consciente. Desse modo, precisa revisitar a história, aproximar o passado do presente, entender toda a produção humana, para se descobrir sujeito da História e, portanto, das transformações. E encontramos em mitos e lendas um vasto campo de conhecimentos que nos permite ir do real ao imaginário em questão de segundos e nos faz viver histórias e acontecimentos, num mundo de fantasias.

Diante desse fato, as lendas regionais, como expressões da cultura de um povo, na versão do próprio povo, que a produz e perpetua. A natureza, na concepção dos antigos é alicerçada por mitos e lendas e, embora incorporem no discurso as informações sobre o meio ambiente, veiculado pela mídia, eles o fazem para garantir o diálogo com a sociedade envolvente, mas, no próprio meio, especialmente os mais

velhos, continuam a compartilhar a visão mítica e lendária de natureza e tempo. Como educadores, devemos preparar os alunos para o conhecimento das várias manifestações culturais, sem considerá-las exóticas, e sim parte integrante da cultura.

Assim, os alunos perceberão que, como eles existem outras pessoas, em outros lugares também possuem hábitos, costumes e tradições próprias e as atividades sobre a diversidade cultural farão mais sentidos. Valorizar as expressões da cultura de um povo é privilegiar a diversidade e, é também questionar os mecanismos que constroem as diferenças, que discriminam o outro e que perpetuam suas exclusões. Os mecanismos discriminatórios inferiorizam as identidades culturais, com isso, devemos problematizar as relações desiguais de poder e trabalhar as manifestações culturais, como no caso desse trabalho, as lendas e mitos.

Faz parte da cultura de um povo recompor a memória das épocas que se foram (...). REIS (1984, p. 08)¹⁴. O embasamento técnico deve buscar e abranger não apenas a visão de um autor, ao contrario, é imprescindível compará-la a outros olhares para transformar o conhecimento, tornando efetivamente viável a compreensão da realidade, como instrumento de recuperação, em sua dialética e, principalmente, de contribuição para uma construção humanizada.

¹⁴ REIS, L. M. R. **Quem conta um conto aumenta um ponto**. In: O que é conto. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Referência Bibliografia

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1999.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.
- BALDIN, Nelma. **A História dentro e fora da escola**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988,
- BAYARD, Jean-Pierre. **História das lendas**. Edição eletrônica: Ed Ridend Castigat Mores (www.jahr.org)
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder do Símbolo**. São Paulo: Difel, 1997.
- BRESSER, Maria Helena. **Como a escola e os pais podem formar (juntos) um bom aluno**. Disponível em: [HTTP://www.escolamobile.com.br/artigos/formação.htm](http://www.escolamobile.com.br/artigos/formação.htm)
- CABRINI, Conceição. et AL. **História temática: diversidade cultural e conflitos**. 7º ano, 4 ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- DALATE, S. **Uma poética do estranhamento ou o encantador de palavras**. Polifonia, Cuiabá - UFMT, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1990.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV.2006
- MOSCOVICI, George. **O imaginário coletivo nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Thenas de Palas, 2007.
- REIS, Luzia de Maria R. **Quem conta um conto aumenta um ponto**. In: O que é conto. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Português. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, T. M. **Lendas e Mitos do Brasil**. 13ª ed. São Paulo: Nacional, 1993.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano na sala de aula**. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.
- SILVA, Marcos. **Repensando a História**. 6ª ed. São Paulo: Marco Zero, s/d.